

CRISTO, DOM PARA TODOS,
COMO FRUTO DO JUBILEU,
REAVIVEMOS O
ESPÍRITO E A
SOLIDARIEDADE
MISSIONÁRIA

*Cristo dom para todos.
Como fruto do Jubileu, reavivemos o espírito
e o solidariedade missionário.*

A Estreia se enquadra em três acontecimentos que não podiam ser todos expressos na sua formulação, que ficaria longa e complexa, mas que de qualquer forma determinam os conteúdos seguintes. Esses acontecimentos são:

Em primeiro lugar, o Jubileu extraordinário do bimilenário da Encarnação; a sua celebração constituiu uma grande missão. Basta repassar as múltiplas categorias de pessoas que se reuniram em Roma: bispos, núncios, religiosos, sacerdotes, jovens, famílias, mundo agrícola, desportistas, governantes e parlamentares, militares, artistas, missionários, para descobrir como cada uma delas tenha tido a oportunidade de ouvir o Evangelho que lhe diz respeito.

Todos os direitos reservados

EDITORA DOM BOSCO
SHCS CR – Quadra 506 – Bloco B Sala 65
Asa Sul 70350-525
Brasília (DF)
Tel.: (61) 3214-2300 www.edbbrasil.org.br

Revedo depois os temas centrais das celebrações, e unindo-os às manifestações que foram feitas nas dioceses, entende-se que se tratou de um tempo de intensa evangelização: a palavra evangélica foi derramada sobre as diferentes e mais importantes dimensões da vida, da cultura e da organização social, nacional e internacional: paz, dignidade humana, pobreza e riqueza, nova ordem nacional e internacional.

Entre os temas, esteve sempre presente o novo humanismo a ser reformulado para o século XXI, num mundo pluralista e globalizado em senso múltiplo, pelas possibilidades de migração, a comunicação social e o desejo de uma ordem transnacional, em toda parte respeitosa da dignidade de cada pessoa. A educação da pessoa em tal e para tal humanismo - que tem como fundamento e inspiração o homem que se revelou em Cristo - esteve no centro da reflexão do Jubileu das universidades, de forma explícita. Coube a nós uma parte importante no desenvolvimento do núcleo "Paideia e humanismo": precisamente aquilo que sempre consideramos um dos horizontes preferidos do Sistema Preventivo: o bom cidadão, a presença na convivência civil, a reta razão, não separada da fé, mas iluminada por ela, a salvação como redenção realizada no tempo e completada na eternidade: "Quero que vocês sejam felizes agora e para sempre".

Esse motivo inspirou também muitos outros discursos, sem excluir os que foram dirigidos aos jovens, a tal ponto que o novo humanismo pode ser uma chave de leitura das diversas mensagens.

Por isso, o fruto do Jubileu deverá ser visto em dois sinais: numa nova dedicação entusiasta e convicta à evangelização, por parte da Igreja, como anúncio do amor de Deus que se manifestou em Cristo para a salvação do homem; e, em conexão com tal anúncio, o sinal de uma presença que dignifique a pessoa, que seja profética, mais clara e decidida em palavras, obras e intervenções na história, embora sem contrapor-se por princípio às outras correntes de pensamento que, na nossa sociedade, entendem colocar-se do lado do homem. Estamos em tempos de mundialização dos direitos civis e de diálogo.

Não apenas o Jubileu foi uma grande oportunidade de extraordinário anúncio do Evangelho, mas como seu fruto e resultado pede-se a nós que nos empenhemos na nova evangelização que o século e o milênio incipientes requerem. Trata-se de dois mil anos da presença do Verbo Encarnado, capaz de iluminar e fazer convergir toda a realidade, humana e cósmica, para o seu destino e a sua plenitude. Se não despertasse nos cristãos essa consciência de serem portadores do dom de Deus, o Jubileu ficaria como uma celebração isolada no tempo, voltada para a recordação do passado e

a autocelebração, em vez de ser a leitura do futuro e abrir novos espaços para que a força redentora de Cristo continue agindo como salvação. É essa a perspectiva colocada continuamente em relevo durante as celebrações:

"Olhai em frente, na direção do terceiro milênio".¹

"O Evangelho da justiça e da caridade seja o constante parâmetro de referência de vossas escolhas e opções"²

Poderíamos continuar: esse mundo e esse homem como objeto do amor salvador de Cristo são aqueles que a Igreja ama, olha, acompanha e serve, de acordo com o desígnio da Encarnação.

Em todas as manifestações, mas sobretudo na *Jornada Mundial da Juventude*, sem negar o valor da manifestação em si mesma, nós nos perguntamos: E depois? O depois se referia à prática quotidiana da fé e o consequente empenho na verdadeira libertação do homem. E, por parte do Papa mesmo, não faltaram sugestões muito concretas. No discurso aos jovens, depois da explicação sobre o crescimento da fé pessoal, ele disse:

"Hoje vocês se reunirem aqui para afirmar que, no novo século, não se prestarão como instrumentos de violência e destruição; defenderão a paz, pagando o preço disso, pessoalmente, se for preciso: Vocês não se conformarão com um mundo em que outros seres humanos morrem de fome, continuam analfabetos, não encontram trabalho. Vocês defenderão o vida em cada instante do seu desenvolvimento terreno e, com todos as suas energias, se esforçarão para tomar esta terra sempre mais habitável, para todos"³

A esse dúplice acontecimento - Jubileu-nova evangelização – liga-se outro todo nosso, que é também história e acontecimento atual: ***a história e a memória da nossa primeira expedição missionária***, há 125 anos.

Ela foi um gesto de confiança em Deus e de audácia pastoral. Marcou o início da expansão da Congregação em outros continentes, exprimiu, de maneira evidente, um traço central da nossa espiritualidade que não pertence apenas àqueles que deixam a própria pátria, mas está dentro do espírito apostólico e se manteve vivo até hoje, graças às sucessivas partidas. Agora, trata-se de reavivar a memória e de reforçar a consciência de tal acontecimento!

¹ João Paulo II, *L'Osservatore Romano*, 12 de novembro de 2000, pag. 1.

² Id. 5.

³ João Paulo II, *XV Jornada Mundial da Juventude*, Roma, 19 de agosto 2000, n. 6.

Seguindo os exemplos de precedentes comemorações desse gênero, a data comemorativa se uniu ao propósito de fazer um extraordinário esforço para a evangelização por parte de todas as Inspetorias: extraordinário quanto ao número de missionários e quanto à sua origem, extraordinário pela presença do laicato missionário, mais numeroso que nunca, e que ainda pode crescer. Nós o preparamos diligentemente com os setores mais diretamente encarregados e o realizamos entregando o crucifixo e dando o mandato missionário aos pés da Auxiliadora, em Turim, numa celebração que tocou profundamente todos que dela participaram.

Essa expedição tem como finalidade, antes de tudo, sustentar as missões recentemente fundadas e ainda necessitadas de apoio, e de nos encaminhar para a abertura de novas. Isso demonstra que o nosso empenho missionário tem seus tempos.

As primeiras missões nos mostram que Dom Bosco não era apressado, nem desejoso de aparecer como urna pessoa que continuamente cria ou estabelece novos *front*. Ele reforçava e ia além nas regiões próximas. As missões da América foram sustentadas durante o tempo necessário e mais ainda, até serem capazes de agir autonomamente e ter *vocações* locais já formadas. Hoje, elas se tornaram Inspetorias que enviam missionários para o próprio continente e para outros.

A mesma coisa pode ser afirmada sobre a expansão na Ásia. As duas coisas caminham em harmonia. Nós também somos chamados à paternidade responsável, isto é, a não criar comunidades e instituições sem sustentá-las durante o tempo necessário, para que cresçam até terem fecundidade própria.

Dom Bosco soube suscitar o entusiasmo missionário nos jovens do oratório. As missões também são o resultado – embora não apenas – da vida oratoriana e do Sistema Preventivo. Através da generosidade dos jovens, o Senhor concedeu à Congregação o dom da difusão e inserção nos cinco Continentes, suscitando neles numerosas vocações desejosas de anunciá-lo. São quase 10.000 os salesianos, oficialmente registrados, que partiram nas 130 expedições, sem contar todos aqueles que saíram da própria Inspetoria, especialmente por tempo limitado. A eles se juntam mais de 3.000 Filhas de Maria Auxiliadora. Já começou a fase laical com o envio de voluntários, e ainda há muito lugar para a Família Salesiana. Hoje a generosidade juvenil não é menor, embora as condições de vida possam ser mais complexas.

A essa data e a esses acontecimentos, ligamos a ***canonização dos nossos mártires chineses***, que também inspira a nossa reflexão, sustenta o nosso esforço e, sobretudo, renova o nosso agradecimento. Como em outras ocorrências

Cristo, dom para todos

cias semelhantes, não quisemos deixar passar a data sem agradecer, escutar de novo a voz do Senhor e renovar a nossa disponibilidade.

Colocar como um dos motivos inspiradores da Estreia o dom da canonização dos dois mártires missionários da China, como concretização de muitas outras mortes ignoradas de irmãos e irmãs tombados no campo de trabalho, pelas mãos dos homens (Fuchs e Sacilotti, Lukenbain e, recentemente, Marco Aurélio Fonseca, assassinado em Angola pelos rebeldes da UNITA), significa recordar a oferta generosa da vida que move a nossa vocação.

A Estreia diz:

Cristo dom para todos.

Como fruto do Jubileu, reavivemos o espírito e a solidariedade missionário.

Como sempre, cada expressão e cada palavra foi cuidadosamente estudada e escolhida. Por isso, convém que paremos um átimo a considerá-las, deixando depois a cada irmão, irmã, comunidade ou grupo, liberdade de uma meditação criativa.

É a parte de base, a principal. Convida a aprofundar o mistério da Encarnação como o grande dom da Trindade ao gênero humano e a cada pessoa individualmente: "Deus amou tanto o mundo, a ponto de dar o seu Filho Unigênito".⁴

Ao mesmo tempo, recorda que a fé e a experiência de Cristo não são um privilégio a conservar para si, um bem quase escondido e enterrado, mas algo a comunicar. Caso contrário, define e até se consome.

Mas, "**dom**" quer dizer que não pode ser imposto, nem condicionar a pessoa a fim de que se veja obrigada a aceitá-lo. É a própria natureza de Cristo e da fé que requer uma resposta de aceitação

⁴ Jo 3,16.

voluntária. "Recebestes de graça, gratuitamente dai" ⁵

Os Evangelhos e São Paulo insistem em considerar o caráter do dom inesperado e imerecido, não pensado pela mente humana, da inserção do Filho de Deus na história do mundo através da assunção da natureza humana, e sobre a consequência ainda mais impensável: que nós nos tornássemos filhos do Pai, não em palavras, mas realmente, com todas as consequências, em primeiro lugar a presença do Espírito que reconstrói a pessoa por dentro, integralmente: sua relação com Deus, sua visão do mundo, suas relações com os outros, seu projeto de vida, até a consciência profunda.

É o que Jesus disse à Samaritana: "Se conhecesses o dom de Deus e quem é aquele que te diz: 'Dá-me de beber', tu mesma lhe haverias de pedir".⁶ Os símbolos de João, a luz, a água, o pão, o novo nascimento, o que significam senão essa profunda transformação que Jesus realiza dentro de nós, quando o acolhemos? Poderíamos ir longe, explorando a razão teológica que torna evidente o caráter de dom do nascimento do Verbo e que foi explicado a Maria pelo Anjo, e considerar todo o desenvolvimento neotestamentário.

Porém, a Estreia quer apelar não tanto para um filão bíblico ou teológico (mesmo

que não fique mal acená-la), mas para a *nossa experiência pessoal*. Sentimos verdadeiramente esse dom de Cristo como luz interior que dissipa as trevas, como princípio de uma nova felicidade pelo descobrimento do sentido de todas as realidades da vida? Fizemos experiência de como se transforma um grupo humano, quando começa a agir segundo as escolhas e as atitudes que Ele recomenda e, sobretudo, quando o grupo confessa a sua presença?

Então, estamos convencidos de que a maior privação para as pessoas e os povos seja a falta de anúncio e de conhecimento desse evento, cume da história, e de tudo o que se desprende dele?

Deus nos livre das guerras de religião, mesmo que seja apenas com palavras: isto é, de pensar em termos de domínio da terra ou de predomínio por parte de alguma religião, somente para vantagem nossa. Deus mesmo faz dom de Cristo a cada homem e a cada *povo*, nas situações em que se encontram e segundo a história deles. E seus mediadores são aqueles que já o conheceram e experimentaram, nos quais a verdade age através da caridade.

O amor, e tudo o que está ligado a ele, tem o primado. Não entra nas finalidades do movimento da nova evangelização ser a "religião" mais difundida na terra, tanto mais que sobre a organização religiosa (preceitos

⁵ Mt 10,8.

⁶ Jo 4,10.

rígidos, lugares sacros, autoridade com poder temporal) Jesus se mostrou extremamente crítico, ao passo que recomendou o serviço, ofereceu o dom e iluminou a atitude de fé e de aproximação do Pai, para quem Ele é a via segura e plenamente humana.

É importante a expressão "*para todos*". Quem experimentou o dom, não deve conservá-lo para si.

Nos dias de hoje, marcados pelo individualismo poderia surgir esta tentação: cada um guarde para si o que conquistou, que o satisfaz, que acredita ser parte integral da sua cultura ou território. O Pai não faz nenhuma distinção de pessoas. Por outro lado, o mundo cultural e religiosamente variado, faz pensar na dificuldade de propor a mediação de Cristo àqueles que se sentem portadores de uma religião diferente e, para eles, merecedora de respeito.

De qualquer forma, fica sempre como empenho de todo crente o desejo de comunicar o dom recebido.

Ao enviar os Apóstolos, Jesus usa uma expressão que os evangelistas, no seu esforço de ser fiéis, colhem de forma diferente, para expressar a totalidade do dom, não apenas em termos de extensão geográfica e de totalidade humana, mas de plenitude de vida.

"O mundo inteiro" ou "toda criatura", diz Marcos.⁷ São todos os espaços geográficos e os povos da terra. Mas não apenas isso: toda criatura compreende todas as realidades humanas. Elas devem ser evangelizadas: a família, o amor, a vida, a convivência social.

Mateus torna mais explícita essa última referência: "Todo poder me foi dado no céu e na terra." E a fórmula já inclui a totalidade daquilo que existe. Acrescenta: "Ide, pois, e ensinai a todas as nações".⁸

Pode significar todos os povos, mas "nações" indica também o seu modo de viver coletivamente, sua organização social, a relação entre poderes e cidadãos, com os povos vizinhos, a maneira de projetar juntos.⁹

E às vezes basta um raio de Evangelho para evitar desastres. Pensemos no que aconteceu neste século com as diversas ideologias e os sistemas de poder que elas geraram.

Lucas registra a cena nos Atos, em seguida à pergunta dos Apóstolos se aquele é o tempo em que Jesus reconstruirá o reino de Israel.¹⁰ Retoma a ideia do espaço, mas acrescenta a paciência do tempo e a assistência do Espírito Santo. "Não cabe a vós saber os tempos e os momentos que o Pai escolheu. Mas tereis a força do Espírito Santo que descera sobre

⁷ Cf *Mc 16,15*.

⁸ *Mt 28,18*.

⁹ *Mt 28,19*.

¹⁰ Cf. *At 1,6*.

vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e a Samaria, e até os extremos confins da terra".¹¹

Esta é a tarefa dos discípulos de Cristo. Não querer destruir outras religiões, ou preservar com meios indevidos a prevalência de uma delas, mas testemunhar, amar, olhar além, não parar, e menos ainda angustiar-se; abandonar-se ao Espírito Santo, certos de que essa é a máxima manifestação de Deus na humanidade.

A salvação se realiza numa história. E o tempo, com seus ritmos, é uma dimensão interna da história. Cabe ao homem procurar e praticar a justiça, em vez de garantir vantagens próprias, mesmo religiosas. O Espírito discernirá a maturidade para uma mudança dos tempos. E é possível que hoje ainda não saibamos quais serão suas características e os seus valores. O Espírito do Senhor paira sobre este mundo, como nos dias da criação.

Reavivemos o nosso espírito missionário

Justamente sobre as palavras de Jesus se introduz a primeira sugestão da Estreia: Nova evangelização para todos não quer dizer pensar somente e sempre em países distantes, em fazer ou em dar.

Jesus expressou um sentimento: "Eu vim trazer fogo à terra, e como desejo que ele arda",¹² "Que te conheçam, ó Pai, e Aquele que enviaste".¹³

Espírito missionário quer dizer anseio e sofrimento por aqueles que ainda não conhecem nem o Pai, nem Cristo. Quer dizer também vontade de testemunhar e de comunicar o Evangelho no nosso contexto, na realidade em que vivemos.

¹¹ At 1,7-8.

¹² Lc 12,49.

Somos enviados por Jesus ao mundo, denominação que abrange tudo.

Não é supérfluo retomar, nesse sentido, as palavras iluminadoras do mandato dado aos Apóstolos e conservado pelos evangelistas para memória da missão da Igreja: “Ensinai a todas as nações”,¹⁴ diz Mateus, e faz um aceno evidente às pessoas singularmente e à sua organização social. “Pregai o Evangelho a toda criatura”,¹⁵ diz Marcos e, acenando ao poder dado ao Filho de Deus no céu e sobre a terra, o mandato compreende todas as realidades que se conectam ao homem: que são objeto e campo de anúncio do Evangelho e de penetração de Jesus no mundo. Podemos pensar na família, na educação dos jovens, na riqueza, nas formas de organização social, na relação com a criação.

“Tereis a força do Espírito Santo que descera sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e a Samaria, até os últimos confins da terra”.¹⁶ Os evangelistas tomaram a universalidade em termos de pessoas e de povos, em termos de extensão geográfica, em termos de realidades várias sobre as quais a redenção deve agir e transformar, em termos de tempos históricos.

Reavivar o espírito missionário é a primeira realidade a ser considerada. Já o dissemos muitas vezes, e vai mais uma vez registrado na Estreia, que o espírito missionário caracteriza toda a nossa pastoral: nós somos evangelizadores dos jovens e do povo. A nossa via preferencial é a educação. Quando o Padre Cafasso deteve Dom Bosco em Turim, não o impediu de ser missionário. Fez dele um missionário original em intensidade, campo específico e estilo. Aqueles que partem são como um sinal e um forte estímulo para todo um corpo que vive segundo um único espírito.

“Missionários dos jovens” chamou-nos o Papa João Paulo II, referindo-se ao campo de missão que nos caracteriza, mas que não exclui outras iniciativas que respondem a urgências particulares, como pudemos ver no recente Congresso Histórico, e como vemos mais claramente na história da Família Salesiana.

Hoje há meninos operários, meninos soldados, meninos explorados e expostos ao turismo sexual, meninos que não conhecem Jesus, meninos de rua e jovens que, como Domingos Sávio, precisa desenvolver totalmente a graça que o Senhor lhes concedeu. Alguns desses garotos felizmente estão sendo atendidos por serviços religiosos, pastorais e civis; ao invés, muitos outros estão debandados e sem ajuda. Quando pensou na Patagônia, Dom Bosco

¹⁴ Mt 28, 19.

¹⁵ Mc 16,15.

¹⁶ At 1,8.

viu aqueles jovens que, junto com suas famílias, desconheciam a luz do Evangelho.

O espírito missionário pode se desenvolver numa escola ou num oratório. O ardor do da *mihi animas* não é diferente. **Para os membros da Família Salesiana** são "terras de missão encravadas na nossa vida".

A família: conhecemos suas problemáticas humanas e éticas, como o modo de entendê-la, as questões referentes à vida: conhecemos também suas problemáticas afetivas, como a preparação para a relação de casal, a possibilidade e as condições para educar os filhos. A família é um dos espaços quotidianos da prática do Sistema Preventivo e, portanto, do espírito salesiano. Os grupos da Família Salesiana já sugeriram iniciativas que sublinham a sua importância.

Hoje, justamente na fase da nova evangelização, acrescenta-se a colocação da família no direito civil, com uma irracional tensão entre a proposta humanístico-bíblica, com milhares de anos de experiência, e o desejo de escolhas individuais, sem fundamento, motivo pelo qual a família não somente precisa de testemunho silencioso, mas também de que a sua verdade seja proclamada publicamente e que seja mantido claro o seu sentido.

Um outro campo da nossa missionariedade é a **educação** e, dentro dela, a **marginalização juvenil**.

A educação, não apenas formal, mas como relação promocional, precisa ser fermentada por valores, projetos, visões, perspectivas que deem as dimensões do homem. Em vários lugares, sente-se o andaço libertário do individualismo e a falta de pontos de referência, por causa de um pensamento não digo frágil, mas privado de qualquer tipo de verdade que propriamente mereça esse nome.

Depois há **o ambiente social**, especialmente o mais próximo. Nele convergem, encontram-se e fundem-se dimensões humanas assumidas de forma diferente: a religiosa e a social, ou de responsabilidade política. Cada uma delas oferece o espaço para um encontro, um diálogo, uma palavra, uma partilha, para fazer entender o dom que nos foi dado em Jesus Cristo.

A solidariedade missionária

É bem verdade que, nas atuais dimensões e possibilidades do mundo, cada um de nós mantém o olhar vigilante não apenas sobre o próprio contexto, mas também sobre o mundo inteiro, martirizado pelas mais diversas chagas e, ao mesmo tempo, habitado pelo Espírito de Jesus, onde os critérios evangélicos podem ter um influxo transformante na linha de uma maior dignidade humana. Nesse sentido, vivemos espiritualmente unidos com aqueles que trabalham em países ainda em fase de primeira evangelização.

Aqui também eu gostaria de apontar **alguns aspectos** em que a solidariedade missionária pode se manifestar, e com urgência, considerando-se o cenário mundial. É fora de dúvida que a solidariedade pode assumir as mais variadas

assumir as mais variadas formas. Proposta aos jovens e à Família Salesiana, ela não apenas irá se desenvolver em modalidades já provadas como o voluntariado, a colaboração econômica, mas dará origem a novas formas como "i gemellaggi" (entre nós, casas, províncias, igrejas-irmãs *n.d.t.*).

O nosso tempo facilitou as comunicações. E isso pode facilitar a solidariedade, evitando sempre o risco de que uma missão fique totalmente dependente de quem a apoia.

Se a Estreia funcionar, deverão surgir iniciativas em nível de Movimento Juvenil Salesiano, de ex-alunos e cooperadores.

A iniciativa cabe tanto à Associação enquanto tal, quanto aos centros locais e a cada pessoa.

As formas tradicionais de expressar solidariedade são a atenção ao que é feito e acontece em todos ou em alguns campos missionários, com o desejo de que a Palavra de Deus chegue a todos.

Hoje, podemos dizer que a primeira forma de solidariedade é a da **cultura** ou **mentalidade**. Ultimamente, e não foi errado, ligou-se o espírito missionário com a formação de uma mentalidade mundial, intercultural, inter-religiosa, interétnica, isto é capaz de acolher e de estabelecer uma relação fraterna com quem é diferente, com quem vem de longe, com quem se encontra em situação inferior. E isso porque a missão

são está e sempre mais estará entre nós, pela imigração e pela diversidade religiosa, pelo encontro entre diferentes. Por outro lado, isso não faz mais do que recordar e atualizar as atitudes de Jesus apóstolo e missionário. Lembram-se no evangelho da mulher sírio-fenícia? Dos gregos? Dos pecadores? E das mulheres? O mundo globalizado representa um projeto a ser realizado com não poucos riscos. Entre esses, está também a discriminação, o fechamentoda mentalidade. Renasceram os nacionalismos, os fundamentalismos, as "fortalezas", ou seja, as pontes levadiças que barram a imigração.

Missionário quer dizer confiante no dom de Deus para todos e para cada um, em primeiro lugar para aqueles que vivem lado a lado com a comunidade cristã. Salvas as devidas proporções, nós estamos vivendo uma forma de presença semelhante à da primeira comunidade cristã, onde os comportamentos e as escolhas contam mais do que os privilégios sociais.

A cultura se exprime no social. No ano 2000 nós estudamos e apresentamos a "Carta da missão" que permite à Família Salesiana trabalhar em rede e influir sobre as causas que, antes, pareciam insolúveis.

Há mais de 250 milhões de crianças operárias, e mais de 300.000 menores recrutados pela guerra. Um conjunto de organizações apresentou em Genebra uma moção sobre isso. É um exemplo.

Além disso, há um milhão de crianças na rua e, depois, os problemas que se referem à paz, à promoção da plena dignidade da mulher, etc. A nova mentalidade leva a participar e a influir em âmbitos chamados humanos, levando o fermento evangélico.

Juntos e unidos, podemos ser "missionários", enviados para transformar o que não está de acordo com a nossa condição de filhos de Deus.

Deve ser cultivada a *oração* e a oferta de sacrifícios pelos povos, pela missão cristã entre eles, pelos missionários. Existe uma lista considerável de biografias de missionários e há sempre novos candidatos, por 27 um chamado singular do Senhor. Para a resposta generosa deles e para que sejam apoiados, a oração dos indivíduos e das comunidades é uma força insubstituível.

Na biografia de nossos recentes Santos mártires, lemos que a oração e o desejo de salvação para o povo predileto foram fatores determinantes da missão. Mas, estou certo de que a mesma coisa poderia ser repetida pelos missionários dos outros Continentes.

Na solidariedade entra, além disso, o *suporte econômico*, de acordo com as próprias possibilidades. É útil, e a Igreja o organiza recolhendo até as migalhas que, no conjunto, constituem uma ajuda não indiferente.

Hoje o Ocidente desperdiça muito em coisas supérfluas.

O apelo salesiano à sobriedade e à temperança é mais atual do que nunca, especialmente se aquilo que se economiza é dado para a promoção e evangelização dos pobres.

Mas vale também o "pensamento" e o sacrifício que a sobriedade e o desejo do bem dos outros comportam, porque ambos abrem ao dom de Deus.

Quantos de nós, desde bem pequenos, esse gesto de solidariedade foi ensinado, uma, duas ou três vezes por ano, até mesmo na família, e na escola! Hoje, o suporte econômico pode ser conseguido e enviado com formas novas, sem desativar as que já foram experimentadas até agora.

Depois, existe também a **colaboração na ação**. E aqui eu não posso deixar de sublinhar o valor do **voluntariado** de diferente duração, conforme o grau de preparação, a vocação e a disponibilidade dos chamados.

O voluntariado está em crescimento entre os jovens e as jovens, e ainda há muitas disponibilidades a aceitar e fazer frutificar. Pode existir também uma conexão de colaboração e de apoio entre os voluntários dos diversos países e de diferentes condições.

Foi essa a novidade da expedição missionária deste ano, embora já fosse uma novidade dos últimos anos, mas de forma

reduzida. O voluntariado cresceu não apenas em número de pessoas e de nações. Mas também em formação. E isso deverá continuar. Já é uma componente da nossa presença missionária, que leva o toque juvenil e constitui uma das manifestações mais ricas da espiritualidade do Movimento Juvenil Salesiano.

Quanto à presença dos diversos Institutos de vida consagrada ou Associações laicais pertencentes à Família Salesiana, no mesmo campo ou nas mesmas iniciativas, já demos o critério-guia: uma cultura da colaboração e com complementaridade que torne fácil o trabalho "insieme" conforme é possível e convém.

As decisões serão tomadas de acordo com a sabedoria de governo de cada Instituto. Nesse sentido, em vários lugares trabalham no mesmo campo: Salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora, Salesianos e Filhas dos Sagrados Corações.

Conclusão

Para encerrar, confirmando o que foi dito, quero apresentar alguns traços do sentimento missionário de Dom Bosco.

1. O espírito missionário. Numa *boa-noite*, Dom Bosco afirmava que ele se cultiva e se exprime com a oração, o amor a Jesus Sacramentado, especialmente através da Santa Comunhão e da visita ao sacrário.¹⁷ Antes de ser uma atividade, ele é um "fogo" e, se Deus assim o quiser, pode se manifestar no próprio ambiente.

2. A relação entre **dimensão missionária e novas vocações**, muito atual hoje, uma vez que os jovens procuram no Evangelho aquele "a mais e além" que pode satisfazer seu desejo de doação e a fé em Cristo que o Espírito suscitou no coração

deles, e que Cristo mesmo sustenta incessantemente.

Vale a pena lembrar a preparação, a solenidade e a participação da primeira expedição missionária. É significativa a narração dos sonhos, como o que Dom Bosco contou em 1861 (no qual ele viu o desenvolvimento da Congregação até na China e na Austrália). Com eles, não apenas abria frestas sobre o futuro da Congregação, mas suscitava nos jovens o desejo de entregar-se ao Senhor, para a evangelização dos povos.¹⁸

Outras vezes, com o mesmo objetivo, Dom Bosco contava as empresas missionárias de seus filhos ou convidava a ler as cartas dos missionários. E queria que os diretores estivessem presentes à cerimônia das partidas e depois contassem tudo aos jovens.

3. O empenho missionário nos próprios países. Uma preocupação constante de Dom Bosco era a situação da juventude e a degradação moral em que ela se achava. Numa *boa-noite* aos jovens, Dom Bosco colocava isso em relevo, afirmando que seu coração de missionário ficava feliz ao pensar que, um dia, muitos dos jovens que o escutavam iriam

“Ao encontro dos selvagens ou dos cristãos degenerados poro levar a eles a luz doce e benéfica do Evangelho. Mas, infelizmente,

¹⁷ MB X 28-29.

¹⁸ Cf MB XII 279-280.

nossos países católicos não se tornaram talvez terra de missão? A cada dia a ignorância religiosa e o indiferentismo, ou até mesmo o ódio contra a religião, alimentado pela ignorância e fomentando por instigações ímpias, fazem maiores progressos".¹⁹

4. A necessidade de sacerdotes autóctones. Dom Bosco falava muito frequentemente sobre isso aos Salesianos e aos jovens, e suspirava pelo dia em que houvesse padres do próprio lugar de missão. Ele convidava os jovens a partir para as missões e sugeria aos Salesianos que não se expusessem ao risco de vida, dizendo: "É verdade que, para quem morre mártir, a morte é uma sorte grande, porque voa diretamente para o céu; mas, por outro lado, não se vai adiante à conversão de talvez milhões de almas". Por isso, convidava à prudência, a fundar casas nos limites das zonas de perigo, a suscitar vocações do lugar.²⁰

5. A riqueza missionária da Família Salesiana, com a complementaridade de contributos típicos do carisma. A realização mais alta foi atingida com **a presença e a ação indispensável das FMA.** Padre Costamagna escrevia a Dom Bosco:

"A respeito das Irmãs, eu jamais teria imaginado que pudessem nos ajudar tanto numa missão. Sem receio de errar, posso dizer-lhe que, sem a presença das irmãs, não teria sido possível fazer o bem que foi feito às mulheres e às jovens. Além das crianças, numerosas mulheres do povo acorriam ao catecismo delas, e atentos pendiam de seus lábios, como dos de um pregador".²¹

Hoje, com a ampliação da Família Salesiana, podemos dizer o mesmo também de experiências já realizadas.

Maria na visita a Isabel: um serviço generoso que leva o Salvador

Modelo e inspiração para vi ver a Estreia: "espírito e solidariedade missionária", pode ser a Visita de Maria a Isabel – uma figura muito ligada à nossa espiritualidade.

Parece um instantâneo de vida quotidiana, um gesto de solidariedade e fineza feminina de todos os tempos. Maria faz uma viagem para oferecer seus préstimos de jovem a um parente idoso, à espera de um filho.

A partida apressada, a longa viagem, a assistência preveniente e afetuosa são gestos que a Igreja conservou na memória e

¹⁹ MB XVII 20-21.

²⁰ Cf MB XII 279-280.

²¹ Cf. MB XIV 257.

apresentou como modelo. São Francisco de Sales assumiu a Visitação como ícone da sua fundação: uma caridade que vai ao encontro da necessidade, entra em casa e assiste com cuidadosa gentileza.

É um quadro delicado, de intensa humanidade, que escritores e pintores fizeram- nos apreciar, completando-o, para o nosso gosto, com detalhes pitorescos do ambiente doméstico.

Nada disso é marginal na experiência de Maria e na nossa espiritualidade. Esses traços domésticos libertam a figura de Maria daqueles atributos extra-humanos e portentosos com que a fantasia a concebe, todos muito distantes da narrativa evangélica.

Para nós é também uma indicação: o chamado nos insere na vida do povo, de acordo com suas necessidades e expectativas, mesmo as mais elementares e naturais, lidas numa nova chave: o amor, o serviço, a compaixão.

Mas, se nos limitássemos a esses pontos, não chegaríamos ao significado central desse episódio. A visita é contada como uma revelação, uma intervenção de Deus que espalha a notícia da sua presença entre os homens e cumpre a sua promessa de aliança através da concepção do Salvador no seio de Maria.

O que era um segredo de Maria é reconhecido por quem espera por ele, personalizado em Isabel, no sacerdote Zacarias e no precursor João. A notícia se difundirá na região e será proclamada ao mundo inteiro, através da mensagem dos anjos e da revelação dos magos.

Tudo começa e acontece com e pela presença de Maria, sempre, e em toda passagem, imagem da Igreja.

Os fatos e personagens do Antigo Testamento entrevistados no episódio orientam para essa leitura. Maria é apresentada como a Arca da Aliança, quando Davi a recupera da terra dos Filisteus, para conduzi-la solenemente a Jerusalém. A expressão que Isabel dirige a Maria, faz lembrar a de Davi: "Como poderia vir a mim a Arca do Senhor?".²² A exultação em casa de Zacarias recorda a alegria do rei que, quase fora de si, dançou diante da Arca, e a festa do povo à chegada do Senhor.

Agora a presença de Deus não se manifesta mais através de sinais, mas pessoalmente. Ele se fez homem. Quem o contém e o transporta não é um tabernáculo, uma tenda ou um templo material: é a humanidade, de modo particular aquela que crê, a Igreja, na pessoa de Maria. De agora em diante não será mais com o ouro, com a madeira ou com as pedras que se edificará a casa de Deus sobre a terra, mas com a fé, a caridade e a esperança. A maternidade que é louvada não é a física, mas aquela que vem da fé: "Feliz de ti que acreditaste!".²³

²² 2Sm 6,9.

²³ Lc 1,45.

Ao redor desse ponto central de atenção que é a vinda de Deus Salvador em meio aos homens, constroem-se os outros elementos do quadro. A humanidade exulta naquele que será a testemunha mais próxima da manifestação de Cristo: João, o Batista. Quando um bebê se agita no seio da mãe – diziam as comadres – está sonhando, prevendo, pressagiando. Essa alegria de João no seio da mãe é anterior à manifestação de sua inteligência. Portanto, é a voz do Espírito que, nas entranhas da humanidade, deseja ardentemente a presença de Deus!

Isabel, idosa, representa o fim de uma época que se esgota, mas que não se conclui com a morte. Foi-lhe dado ver a aurora do tempo novo.

O Evangelho leva-nos ainda a uma prospectiva ulterior: como esse evento transformará a vida do homem. O Magnificat é o canto com que Maria guarda a experiência vivida por ela e a relança a todas as gerações. Não é uma poesia de moldura para coroar o episódio. Muito pelo contrário: é um "credo", a profissão pessoal de fé de Maria que assume em si todo o povo messiânico; desse povo Maria se faz voz e coração. É o hino da humanidade crente de todos os tempos.

Maria não dá uma explicação racional sobre Deus, mas contempla suas obras salvíficas na história dos homens, começando por sua concepção virginal e pelo anúncio da vinda do Senhor: “Fez maravilhas em mim”

Ele intervém hoje de forma inesperadamente eficaz e faz surgir um mundo novo, onde são sacudidos os esquemas conhecidos da história humana: aqueles que valem para Deus, os que levam em frente o projeto de justiça não são os orgulhosos e os poderosos, mas os humildes, os famintos, que coincidem com os que sentem necessidade de Deus e dos outros.

É este o mistério gozoso da Visitação. A Igreja o revive como um fato que se atualiza hoje na comunidade eclesial e em todos aqueles que esperam, procuram ou acolheram Cristo.

Maria sai de sua casa, ignorando o que aconteceria na casa de Isabel. Naquela partida, aparentemente espontânea, havia a inspiração de Deus que preparava a sua manifestação. A caridade predispõe a manifestação de Deus, exprime-a e ilumina: é preparação, caminho, sinal e efeito do anúncio. É difundida no nosso coração pelo Espírito Santo, e se coloca à disposição dos outros de acordo com suas urgências humanas: como beneficência, assistência, educação, acompanhamento que leva a Deus.

Nessa perspectiva, o mistério da Visitação inspira a atuação da Estreia. De fato, "Espírito e solidariedade missionária" se enraízam e crescem na caridade, e a caridade é o fruto mais autêntico do Jubileu que celebrou a Encarnação de Deus-Amor.

Pela caridade acontece um fato misterioso, que vai além dos nossos gestos de proximidade e serviço: revelamos o Senhor; como a Arca e como Maria somos portadores de Deus, que é amor. Conscientes disso, nós assumimos pessoalmente a caridade educativa e pastoral como forma de contato e presença. Ela tem em mira todas as urgências humanas. É a alma da nossa “missionariedade”.

Procuremos compenetrar dela as comunidades, o lugar onde manifestamos quotidianamente o amor fraterno. A aspiração de toda comunidade religiosa é poder tornar-se acontecimento cristão, realidade capaz de anunciar a presença do Senhor, de ser palavra e mensagem. Reavivemos essa aspiração, fazendo nossa imagem com que São Paulo acena à comunidade cristã, que ele deseja ver como uma “carta de Deus”.

“A nossa carta sois vós, conhecida e lida por todos os homens. Todos sabem que sois uma carta de Cristo, composta por nós, escrita não com tinta, mas com o espírito de Deus vivo: não sobre tábuas de pedra, mas sobre tábuas de carne em que se grava o espírito de Deus” ²⁴

É esta grande amplitude da Estreia: não ser somente ministros da palavra, mas carta de Deus às pessoas que entrarão em contato conosco, num mundo tão variado e aberto.

Padre Juan Vecchi
Reitor-Mor
Roma, 31 de dezembro de 2000
Casa Geral das FMA

²⁴ 2Cor 3, 2-3.